MARCELINO FREIRE: O GRITO DO EXCLUÍDO

VIVIANE APARECIDA VIEIRA

RESUMO
Por meio deste artigo analítico-descritivo, fundamentado na perspectiva da apropriação da oralidade no texto literário, pretende-se demonstrar os diversos métodos de composição adotados pelo escritor Marcelino Freire. Tais métodos são evidenciados de maneira particular nos contos "Vestido Longo" e "Modelo de Vida", que integram o livro Amar é Crime. A análise se concentra em como Freire utiliza a oralidade como ferramenta estética e temática, refletindo as vozes marginalizadas da sociedade brasileira e conferindo autenticidade às experiências retratadas. Nesse sentido, o artigo explora a maneira como a linguagem oral, com suas nuances regionais e expressões populares, se entrelaça à narrativa literária, revelando não apenas a vivacidade do texto, mas também a profundidade das questões sociais que permeiam a obra. Através desses contos, Marcelino Freire coloca em foco o tema da exclusão social no Brasil, abordando-o de forma crua e impactante, ao mesmo tempo que utiliza a oralidade para amplificar o sentimento de proximidade e identificação do leitor com os personagens e suas vivências. O estudo visa, portanto, compreender como a oralidade, na obra de Freire, transcende a simples transposição do discurso falado para o escrito, tornando-se uma poderosa estratégia de denúncia e resistência frente às realidades sociais brasileiras.

Palavras-chave: cotidiano; diálogo; exclusão social; sujeito; violência urbana.

ABSTRACT
Through this analytical-descriptive article, based on the perspective of the appropriation of orality in the literary text, we intend to demonstrate the different composition methods adopted by the writer Marcelino Freire. Such methods are particularly evident in the short stories "Long dress" and "Model life", which are part of the book Love is a crime. The analysis focuses on how Freire uses orality as an aesthetic and thematic tool, reflecting the marginalized voices of Brazilian society and giving authenticity to the experiences portrayed. In this sense, the article explores the way in which oral language, with its regional nuances and popular expressions, is intertwined with the literary narrative, revealing not only the liveliness of the text, but also the depth of the social issues that permeate the work. Through these short stories, Marcelino Freire brings into focus the theme of social exclusion in Brazil, approaching it in a raw and impactful way, while at the same time using orality to amplify the reader's feeling of closeness and identification with the characters and their experiences. The study aims, therefore, to understand how orality, in Freire's work, transcends the simple transposition of spoken to written discourse, becoming a powerful strategy of denunciation and resistance in the face of Brazilian social realities.
KEYWORDS: daily; dialogue; social exclusion; subject; urban violence.

INTRODUÇÃO

A arte pós-moderna traça relações entre história, realidade e linguagem. Ressalta a essa arte e confronta, paradoxalmente, a ficção e a história, o particular e o geral, bem como o presente e o passado. Ela reescreve o passado por meio de uma reconstrução do contexto sociocultural que problematiza a noção de representação da realidade, questiona o poder e a ideologia dominante. O sujeito aparece como objeto dessa problematização.

Essas características da arte contemporânea são, facilmente, reconhecidas nas produções de Marcelino Freire. Os contos do autor estão situados dentro dos contextos histórico, político e social de um país marcado pela desigualdade, fato reconhecido pelo próprio escritor:

"Não acredito em escritor alheio ao seu tempo, alienado. É preciso ter um olho bem esticado para o social. Não falo do social panfletário, discursivo. Inclusive, sempre me falam que minha literatura é de minoria.
Minha literatura não é de nada. Atira para

todos os lados. Mostra, traça perfil, estampa sem pudor, apresenta personagens. Não tomo partido. O
leitor que compactue, que chafurde, que oriente-se. Trabalho em comunhão, então. Vai ver que é isso. Trabalho em comunidade com o leitor, por acaso". (BRITO, 2011)

O livro Amar é crime tem uma atmosfera e uma escrita simultaneamente amorosa e agressiva, os opostos amor e crime são unos. O amor impetuoso, violento e intenso está presente nessa obra e também já havia sido abordado pelo escritor em contos de outras obras, um bom exemplo é o conto "Amor cristão", da obra RASIF - Mar que Arrebenta.
Amar é crime inicia-se com um "poema concreto", que já situa o amor e a violência em uma relação de dependência. Assim como constrói seus contos, nesse poema, Marcelino Freire, por meio de assonâncias, aliterações e repetições, brinca com os sons e com a carga semântica das palavras. Através do poema, o autor apresenta ao leitor a temática da obra.
Quatorze contos seguem ao poema inicial. Nesses contos, amar e ser amado são necessidades, muitas vezes, sangrentas. O amor está imerso em situações cotidianas e violentas, a justificativa para este fato aparece no oximoro empregado no título da obra
Amar é crime, logo, o amor justifica o crime e o mesmo ocorre com o oposto desse processo: o crime justifica o amor.
No final da obra, há trinta narrativas de curta extensão, postas em sequência, escritas em no máximo três linhas. Esses "microcontos", como o próprio autor define, mantém a temática principal da obra, já que delineiam situações e relações amorosas e criminosas. Prostitutas, ora ingênuas ora oportunistas, filhos impiedosos e ressentidos, escritores em crise sentimental, guerrilheiro revolucionário, moradores de rua em guerra, padre pedófilo, casais em crise, amantes, professora e aluna apaixonadas compõem a galeria de personagens que permeiam a obra, em que predominam narradores que dialogam com o leitor, por meio de monólogos, solilóquios, diálogos (truncados) e fluxos de consciência, fazem questionamentos, tanto no plano pessoal quanto social, e transformam o particular em universal.

Os contos "Vestido Longo" e "Modelo de vida", de Amar é crime, apresentam personagens marginalizadas, que estão envolvidas em problemáticas e em situações de exclusão social. Esses contos serão objetos dessa análise, que tem por objetivo identificar os procedimentos temáticos estilísticos adotados pelo escritor, na construção dos textos, para evidenciar a realidade de exclusão social no Brasil.
Para tanto, far-se-ão análises dos contos selecionados, com o propósito de identificar as características do sujeito socialmente excluído, por meio do próprio discurso articulador do texto, assim como a linguagem e demais estratégias estilísticas empregadas pelo autor.
A análise dos gêneros discursivos e do foco narrativo utilizados terá por foco compreender se eles evidenciaram as figurações do sujeito e, consequentemente, da problemática social. Para fundamentar essas reflexões referentes ao sujeito e aos gêneros empregados, recorremos aos teóricos Mikhail Bakhtin e Erving Goffman.
O espaço e o tempo em que a história é contextualizada também serão objetos de análise. Com o objetivo de enriquecer a leitura, serão indicadas inter-relações entre as narrativas e dados da realidade contemporânea do Brasil, muitas vezes transpostos pelo autor para as narrativas.

II. "Vestido longo"
"Vestido longo" é o primeiro conto de Amar é crime. Narrado em primeira pessoa por uma jovem prostituta. Com contínuas alterações de ordem temporal (próximas ao fluxo de consciência), a narradora-personagem recorda sua infância e, consequentemente, o acontecimento mais marcante de sua vida: o fato de nunca ter usado um vestido longo. Quando criança, ela vivia "nuazinha", já que não possuía roupas. As dificuldades enfrentadas pela personagem e por toda a sua família são determinantes para a definição de seu futuro. Ela torna-se uma prostituta e, só nessa circunstância, tem a possibilidade de realizar seu grande desejo: adquirir e usar um vestido longo. Dessa forma, ela consegue, no desfecho da narração, cobrir o seu corpo e pretensamente "reconhecer-se" humana, semelhante as demais mulheres, já

que sentia-se, desde sempre, mais que carente, incompleta.
É um texto construído com muitos diminutivos, em sua maioria substantivos na forma sintética. Esses diminutivos opõem-se ao adjetivo empregado no título do texto:
"longo", além de revelarem a infantilidade no discurso da narradora-personagem. Observe: "NUNCA, nunquinha que eu vesti um vestido longo.
Sempre nuazinha, quando pequenininha, com a tabaquinha de fora. A barriginha. Mamãe não tinha o que comer. E a gente ficava ali, agarrada à sainha curta dela, na costela, feito sarna, piolho, sebo, carrapato." [Grifos nossos] (2011:25)

A princípio os diminutivos demonstram a pureza e a ingenuidade da menina. Sugerem afetividade e infantilidade como em "nuazinha", "tabaquinha", "barriginha", "pequeninha", "sainha", grifados no trecho acima, e aos poucos adquirem duplo sentido. A inocência da menina transforma-se em sensualidade e de acordo com essa transformação, os diminutivos têm a carga semântica alterada e passam a inferir acepção lasciva. Um exemplo desse processo pode ser observado com a palavra "menininha": "O velho da farmácia gostava de esfregar em mim. Menininha, venha aqui." (2011:27).
Essa flutuação de sentido garante uma forte ironia ao texto, visto que são os diminutivos que revelam a transformação social da menina em prostituta. De forma geral, os diminutivos contribuem com a caracterização da vida da personagem.
O escritor recorre a recursos poéticos como: as rimas (nunquinha, nuazinha, pequeninha, tabaquinha, barriginha), a repetição (nunca, nunquinha), e as frases curtas, para dar ritmo ao texto. Além disso, o autor trabalha com a sonoridade da linguagem (sainha/dela/costela). Esses processos asseguram musicalidade ao texto.
Os vocábulos coloquiais, a linguagem vulgar e os palavrões são empregados em seu conto e contribuem para que as falas-drama da personagem pareçam reais e naturais.
Observe:
"Por isso eu vim aqui. Por causa deste vestido longo. Aquele da vitrine, sim. Eu quero este vestido longo. Para que, hein, é que eu me mato de trabalhar? Para andar sem roupa, sempre? O caralho! Ora, ora. Que brilho de vestido! Se minha mãe me visse agora. Nesse estilo, comprido. De fazer gosto. Antes eu tivesse tido condição, não teria acontecido o que aconteceu, não teria." (2011: 26)

Percebe-se, nesse trecho, além da oralidade e do emprego de vocábulos coloquiais, uma linguagem agressiva, que afronta o mundo cruel que perverteu a protagonista. As frases quebradas, o emprego da pontuação e a ausência de pontuação para ordenar as falas da personagem rompem com a sintaxe ("Se minha mãe me visse agora. Nesse estilo, comprido. De fazer gosto."). Esses elementos, além de garantirem naturalidade aos fatos, realçam o fluxo de consciência da personagem.
No conto, a personagem não recebe nome, assim como não tem um vestido, ela também não tem nome, falta-lhe identidade. O vestido representa a sua dignidade, ele a preservaria da nudez, de todo abuso e violência, o vestido teria modificado o seu destino. A obsessão pela peça é notada em todo o discurso da personagem, que é permeado por vocábulos relacionados ao "vestir", observe este trecho:

"Aí, fodeu! De uma hora para outra, a minha mãe morta. Vestiram a minha mãe morta. As vizinhas trouxeram lírios. Trouxeram orações, canções. E lágrima. Eu vesti minha mãe de lágrimas. Uma dor que não tinha tamanho. E o caixão fechando. Cobrindo a minha mãe em seu primeiro descanso. Seus irmãos vão para o campo de carvão. E você, maldita, não. Nós vamos mandar para um convento. Sei lá, um aposento santo. Pensei: se até agora vivi sem vestido, por que cobrirei meu peito de crucifixo?" (2011: 28)

O fragmento inicia com uma palavra de baixo calão (fodeu), mas com significação equivalente a "tudo piorou". A seguir, há uma sequência construída de modo poético, que corresponde à morte e ao descanso da mãe, vestida no caixão, coberta de flores e lágrimas.
Há repetições, com palavras usadas de modo metafórico e com metonímias ("Eu vesti minha mãe de lágrimas.").

O “vestir” está presente na fala da protagonista, como marca de todo o sofrimento, as observações feitas diante da morte de sua mãe demonstram esse fato: “vestiram” e “cobriram” sua mãe, ela a “vestiu” de lágrimas. A falta de vestes é o verdadeiro motivo, que fez a personagem enfrentar todos os abusos e, consequentemente, todas as dificuldades. A personagem recusa vestir o crucifixo, a única possibilidade de mudança visualizada por ela é vestir-se com roupas, como se dessa forma o seu destino fosse alterado e a sua dignidade fosse adquirida.
Após a morte de sua mãe, a personagem sai do interior, onde vive durante a infância, entra no espaço urbano e passa por mudanças, para poder se adequar ao seu novo meio. Observe:

“Fui parar, pois, na casa da Dona Kalil. E aí ela me vestiu. De minissaias. E umas penas que ela colocava para me enfeitar. Você sabe sambar, mocinha? Não, Dona Kalil. Mas sei rebolar.
Rebolar, rebolar, rebolar.
E aquele meu truque de cruzar as pernas. De descruzar. De abrir as pernas. Sem gritar. Como quem caça passarinhos. Natural, meu lado mais natural. De roça. Bichinho de quintal. Mulher que todo homem quer criar. Tipo animal.” (2011: 29)

A personagem Dona Kalil remete a consultora de moda brasileira Glória Kalil, que apresenta-se frequentemente em programas televisivos, com o objetivo de oferecer dicas de moda, beleza, cultura e comportamento. Assim como a consultora, a personagem Dona Kalil propõe mudanças comportamentais à narradora-personagem, que contribuem com a inserção da personagem na prostituição. A influência do meio midiático e da ideologia consumista é perceptível nesse trecho. As personagens buscam igualar o seu modo de vida ao modo da elite capitalista.
As dicas de Dona Kalil têm duplo sentido: as orientações comportamentais ganham apelo sexual no discurso da voz narrativa. Esse paradoxo no discurso da prostituta assegura forte ironia ao texto.
No final do trecho, a mulher é comparada a um “bichinho”. Assim como um animal, que tem um desenvolvimento limitado de consciência, a personagem pode procriar e satisfazer necessidades básicas. No inconsciente da personagem, ela só sairia da condição de “bicho”, só se sentiria plena e digna com a conquista do vestido. O vestido representa a sua inclusão à sociedade.
No final da narrativa, ao adquirir o vestido, a protagonista visualiza uma nova realidade, ela se contempla como uma pessoa honrada e decente, o que a difere das outras prostitutas. Só nesse momento a personagem se reconhece como negra, já que ela se sente completa. Ingenuamente, a personagem acredita que desafiou o seu destino, como se o tivesse modificado pelo fato de vestir-se.
O autor utiliza o discurso direto para dar espaço a uma voz narrativa. Nesse texto, a prostituta é a voz de um grupo. Ela representa toda uma linhagem de mulheres estigmatizadas pela miséria, de infância desvalida, abusadas desde cedo e convertidas em objetos sexuais.
A prostituta expõe seus pensamentos, seus sentimentos, sua vida, sua experiência, sua realidade, sua miséria. O foco narrativo em primeira pessoa permite à prostituta aduzir reflexões e instigar questionamentos.
Vítima de um círculo vicioso, devido à repetição da história: os abusos e dificuldades, enfrentados por sua mãe, são também enfrentados pela protagonista, a prostituta negra é o esboço de um cotidiano banalizado de exclusão. Toda a problemática que envolve a personagem parece natural para a sociedade, logo o processo de degradação social a invisibiliza.

III. “Modelo de vida”
O conto “Modelo de vida” apresenta como narradora-personagem uma mulher negra que desfruta uma vida de luxo. Ela, que mora em Potsdam, cidade alemã, faz compras em um shopping, no Rio de Janeiro, junto ao seu companheiro Sebastian: um homem velho e rico. Consumidora de produtos de grife, a narradora considera-se um modelo de vida, já que ascendeu o seu padrão social.
Na sociedade capitalista, muitas vezes mulheres jovens se relacionam com homens mais velhos e estrangeiros com um único objetivo: o interesse material. Por isso, a

personagem pode ser considerada um clichê: uma mulher negra, pobre que ascende socialmente ao se casar com um turista alemão rico. A falta de nome da personagem reforça o clichê – despersonaliza e totaliza, além de demarcar - a falta de autenticidade da personagem.
Durante as compras, a protagonista sugere à atendente da loja que, assim como ela fez, procure um alemão para que possa mudar o seu panorama social. Observe:

"Eu fico só vendo essa menina, pobrezinha. A atendente. Os dentes lindos que ela tem. Quanto você ganha por mês, meu bem? Trabalha por comissão? Mulher, o que tem de alemão lá no centro. Vêm todos no mesmo avião. Se eu fosse você, dava um chute nesse shopping. Sumia. Da Baía de Guanabara. Pensa: Bahamas e Baviera." (2011: 50-51)

Segundo a narradora, a atendente sairia da Baía de Guanabara para frequentar lugares da elite, como o Caribe e a Alemanha, portanto, ela sairia da condição de pobreza no Brasil para a ascensão social no exterior.
Se em "Vestido longo" o autor se utiliza de diminutivos para caracterizar a personagem, neste conto, a linguagem empregada refere-se ao padrão social da personagem. Há marcas (Les Gazelles, Ventura), produtos (echarpe, sutiã push up, conjunte de renda de tule, baby doll) e outros substantivos (look rodeio, alinhavo, espadachim, ilhoses) que contribuem na caracterização da personagem grã-fina.
Ostentar é a maneira como a personagem supera e foge da carência sentida no passado. Sua personalidade é constituída daquilo que consome. Para poder consumir, ela usa o corpo, manipula, enfim, para conquistar o seu objetivo ela não respeita valores ou pessoas. O consumo representa o afastamento do passado, ou seja, o distanciamento da pobreza.
O Brasil representa a pobreza. Só no exterior a ascensão social é possível. Esse fato é evidente no seguinte trecho:

"Neva a essa época em Potsdam. O frio que faz, menina. Quem me viu e quem me revê. Sabe, toda vez que venho ao Brasil, ajudo a família, ajudo a escola de samba, a igreja. Veja as fotos, veja. A nossa mansão em Potsdam" (2011:51)

Embora, por ângulos diferentes, as protagonistas de "Vestido longo" e "Modelo de vida" servem como modelos da exclusão social. Elas buscam inserir-se na elite e, subjetivamente, os contos questionam e ironizam o sistema capitalista e a cultura consumista de massa.
As personagens, nesses contos, são colocadas como mulheres-objetos, o que demonstra a coisificação do homem. O sexo é um objeto de troca utilizado como única mercadoria de pessoas carentes. A necessidade de sobrevivência dilui as fronteiras da moral e da ética, e o corpo, reduzido a produto, converte-se numa arma para superação e conquista de objetos que a sociedade lhes privou. Mesmo assim, a sociedade as visualiza de maneira discriminatória.
As mulheres seriam como objetos de consumo, o homem utilizaria a própria espécie como mercadoria. Numa sociedade voltada para o consumo e para a acumulação de bens, os indivíduos são comparáveis a "coisas" manipuláveis. A fetichização é ressaltada, já que as relações entre as coisas são mais importantes do que as relações entre os homens. As pessoas vivem em função da obtenção de mercadorias, por isso, as coisas ganham vida e as dominam. Esse domínio pode ser observado, em "Modelo de vida", na importância que a protagonista dá aos produtos que consome e, no texto "Vestido longo", o vestido desejado torna-se a vida da personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os métodos de composição adotados por Marcelino Freire evidenciam a realidade de exclusão social no Brasil. A temática, as personagens, a linguagem, o espaço e o tempo caracterizam e contextualizam o sujeito, por meio da oralidade, que marca o estilo e a produção literária do autor.
Emprega-se a oralidade, em muitos textos escritos, para persuadir o leitor ou para torná-lo participante das narrações. O aspecto oral propicia a presença real, imediata e mais íntima do interlocutor. A subjetividade, as expressões coloquiais e clichês, a conota-

ção, os diálogos e as repetições são algumas marcas da oralidade.

Os contos do autor são constituídos por narradores - que conversam através de diálogos (truncados), solilóquios e fluxos de consciência - e apresentam uma linguagem conotativa (lugares comuns, provérbios, máximas), em que predomina orações coordenadas e curtas, com vocábulos coloquiais, rimas e repetições.

A linguagem configura e adensa as personagens, determinando a posição socioeconômica, a ideologia, a religião e o nível cultural, portanto, caracteriza e constrói psicologicamente as personagens. As marcas orais tornam o texto mais atraente e espontâneo, por ser curto e contribuir para a veracidade da expressão dos sentimentos, pensamentos, emoções e vivências, além de, aproximar o leitor das personagens e, consequentemente, permitir uma maior proximidade em relação à situação apresentada ao construir o visualismo do texto.

O conto "Vestido longo" está repleto de transcrições próximas ao fluxo de consciência e de diálogos ora com a vendedora do vestido, ora com o leitor. Os diminutivos (pequenininha, barriginha, menininha etc.) revelam as marcas deixadas desde a infância na vida da protagonista e ironizam o mundo cruel que perverteu a personagem. As orações coordenadas (curtas) compõem grande parte da narrativa, com muitas expressões coloquiais, lugares-comuns e palavras de baixo calão: ("E a gente ficava ali, agarrada à sainha curta dela, na costela, feito sarna, piolho, sebo, carrapato." (2011:25)). Há paradoxos no discurso, além de rimas e repetições que contribuem com a sonoridade da linguagem e garantem musicalidade ao texto. A linguagem neste conto revela a pobreza e a alienação da personagem.

Em "Modelo de vida", a narrativa é construída por meio de uma conversa entrecortada entre a protagonista, seu marido e a atendente da loja, além de inferências soltas, como se a narradora-personagem conversasse em voz alta consigo mesma. A personagem, uma mulher negra, pobre, que ascende socialmente ao se casar com um estrangeiro e não é individualizada por um nome, revela um clichê, um perigoso estereótipo, do qual o autor talvez faça uso para reforçar o sentido da falta de autenticidade de quem por 'vender-se' deixa de ser, de pertencer-se. A apóstrofe aproxima o leitor ao texto e as repetições delineadas por epizeuxes e anáforas demonstram a obsessão da protagonista pelo consumo. Emprega-se uma linguagem com numerosos nomes de produtos e objetos, proliferando marcas, em uma supervalorização do sistema capitalista e da cultura consumista. O discurso converte-se ao 'merchandising', desta forma, evidencia uma protagonista ressentida com a pobreza e justifica a mercantilização da vida.

Por meio de uma temática social, de uma galeria de personagens marginalizadas e de uma escrita moderna a serviço da configuração das personagens, Marcelino Freire trabalha extensivamente a oralidade na composição dos contos para garantir concisão, múltiplas interpretações aos textos e ressaltar a realidade de exclusão social. O uso da oralidade, portanto, desnuda consciências e problemáticas no estado (presente ou passado) de pobreza e de marginalização. Ele traz para o centro de suas histórias seres que, normalmente, são invisíveis aos olhos da sociedade; nos contos esses ganham espaço, tempo, voz e visibilidade.

Logo, os contos revelam personagens que "gritam" desigualdades, injustiças, violência e tantos outros problemas sociais que persistem e marcam a atual sociedade, globalizada e competitiva. Indivíduos à margem das políticas públicas revelam o abismo entre as classes sociais no Brasil e "gritam", portanto, como se tivessem urgência em falar, a fim de se revelarem diante de uma realidade opressora de desigualdade e de exclusão social.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. La poétique de Dostoïevski. Paris: Seuil, 1970.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. 16 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

BRITO, José Domingos de. Política. Marcelino Freire. Disponível em: <http://tirodeletra.com.br/politica/MarcelinoFreire.htm>. Acesso em 26 jul. 2011.
CARDILI, Juliana. Jovem baleada após seqüestro no ABC tem morte cerebral, diz equipe médica. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL804318-5605,00-JOVEM+BALEADA+APOS+SEQUESTRO+NO+ABC+TEM+MORTE+CEREBRAL+DIZ+EQUIPE+MEDICA.html>. Acesso em: 01 set. 2011.

FREIRE, Marcelino. Amar é crime. São Paulo: Edith, 2010.

FREIRE, Marcelino. Rasif: mar que arrebenta. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GOFFMAN, Erving. Replies and responses. Language in Society. Cambridge University Press, 1976.
HUTCHEON, Linda. Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

MAINGUENEAU, Dominique. Elementos de lingüística para o texto literário. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

TODOROV, T. Mikhaïl Bakhtin, Le príncipe dialogique, suivi dês écrits Du Cercle de Bakhtin. Paris: Seuil, 1981.